

Desde a infância, Murry estava perdido numa floresta de palavras confusas, indecifráveis e dançantes. Brilhante, ele se considerava estúpido. Mas está encontrando o caminho da vitória

# Livre Enfim Para Aprender

BERT KRUGER SMITH

*Condensado de* AMERICAN EDUCATION

**E**STA é a história de Murry. Mas ele não a pode ler, embora tenha 34 anos, visão superior à normal e frequente a universidade.

Se você conversar com ele, não notará qualquer problema. No entanto, há algo que não funciona. Chame-o como quiser — dislexia, disfunção cerebral mínima ou deterioração neurológica, o fato é que ele não consegue ler — e provavelmente nunca o conseguirá.

Mas pode aprender, e isso ele continuará fazendo. Da mesma maneira que um cego precisa da sua bengala para «ver» e um diabético da sua insulina, Murry depende de um gravador para recolher e trazer-lhe as palavras — as numerosas, infundáveis e difíceis palavras que,

escritas, formam mensagens que ele não pode decifrar.

Depender de uma máquina que «lê» para ele é uma experiência frustrante e muitas vezes desapontadora. Mesmo assim, Murry tem mais sorte que a maioria dos que têm problemas especiais de aprendizagem. Muitos deles, com o mesmo potencial de Murry, são classificados como «estúpidos», «incapazes» ou «retardados».

**«Você Não Está se Esforçando !»**

Até entrar para a escola, Murry Dwayne Thompson não tinha problemas. Foi quando ele pôs os pés numa sala de aula que a vida se tornou uma tortura. Não conseguia copiar o que a professora escrevia no quadro-negro, não conseguia fazer letras e os números deixa-

vam-no confuso: «via-os», mas não conseguia fazer que se comportassem em fórmulas aritméticas. Só o que fazia bem era desenhar.

Entretanto, sua sede de conhecimentos era permanente. Aprendeu tudo que era possível sem ler. Montava e desmontava relógios e objetos mecânicos; desenhava e pintava. Na escola, inventou meios de copiar tão complexos que consumiam toda a sua energia. À medida que passava de um ano para outro (deixavam-no passar), aprendeu a sentar-se no fundo da sala de aulas, onde a professora não o pudesse ver. Se o chamavam para ler, pagava uma passagem qualquer que alguém tinha lido. Nos trabalhos que tinha de apresentar, ele às vezes trocava com os colegas os mapas e desenhos por redações ou problemas resolvidos. Para as provas, inventou engenhosos métodos de colar.

Ele não tinha idéia do que estava errado. Como poderia compreender que, para outras pessoas, as palavras ficavam quietas e não se mexiam, não viravam ao contrário nem mudavam de forma com o uso? Sabia só que não conseguia fazer o que as outras crianças faziam. Era estúpido!

Os pais de Murry viviam entre momentos de coragem e de desespero. A mãe, professora, percebia as inúmeras habilidades que ele possuía fora da escola. O pai queria que ele fosse engenheiro, e muitas noites tentava ajudá-lo nos deveres de casa. Murry empenhava-se, mas

seus olhos viam uma coisa e sua mente via outra. Começava a suar; suas mãos ficavam insensíveis. O pai logo começava a perder a paciência e, finalmente, enfurecia-se: «Você não está se esforçando!» ele gritava. Mas Murry estava realmente se esforçando ao máximo.

**Batalha Secreta.** Aos 15 anos, 1.<sup>a</sup> série ginásial, Murry era um gigante entre seus colegas. Certa professora reparou nele e mandou-o ler. Quando ele não foi capaz, ela recomendou à mãe que o pusesse numa classe de alunos retardados. A mãe de Murry recusou-se e o adolescente alto e gorducho teve de deixar a escola. Sem nenhum talento especial, Murry começou a procurar emprego.

Mais uma vez, Murry pôs a funcionar a sua incrível capacidade de improvisação. Quando lhe pediram que preenchesse um pedido de emprego, ele inventou um encontro importante e perguntou se não podia trazer o formulário mais tarde. Depois pediu à mãe que preenchesse o papel. Empregado, seguia seus colegas sempre que uma tarefa exigia leitura — e até para localizar o banheiro dos homens ou o bar.

Murry era grande demais e velho demais para ser criança e imaturo e despreparado demais para ser homem. Existia no perímetro da vida, observando, sentindo, desejando, com uma angústia demasiado profunda para doer. Em casa, desenhava, sonhava e compunha canções ao violão.

Passaram-se os anos. As habilidades de Murry aumentaram; sua capacidade de fazer frente às dificuldades aumentou extraordinariamente. Em restaurantes, pedia sempre a especialidade da casa. Durante dois anos e meio, pertenceu à reserva policial — sem saber como encher um talão de multa! Quando precisava, fazia os infratores preencherem seus próprios talões ou copiava palavras que a mãe havia escrito e que ele sabia onde colocar no formulário.

Murry poderia vir a terminar seus dias naquela feroz batalha sem vitória para manter escondida sua vergonhosa incapacidade. Mas um dia, quando tinha 22 anos, voltou mais cedo para casa, desanimado e desencorajado, e encontrou a TV ligada num canal educativo. Antes de ter tido tempo de se afastar, a atenção de Murry foi atraída por uma conversa a respeito de zen budismo. Embora muitas das palavras estivessem fora do alcance do seu vocabulário, as idéias — maravilhosas, animadoras e intrigantes — não o estavam. Sentiu uma onda de esperança. Não era estúpido. *Podia aprender.*

**Aberração?** Começou uma nova vida para Murry. Ele «programava» os debates na TV a respeito de muitos assuntos e voltava para casa a tempo de assisti-los. Se algum livro era recomendado, Murry comprava-o e pedia a vários amigos que o lessem. Depois empenhava-os em discussões sobre seu conteúdo, sondando suas mentes e reações.

Pouco tempo depois, arranjou uma casinha, foi morar sozinho e começou a pintar e a compor. Ao mesmo tempo, sua mente sedenta «bebia» o conhecimento oferecido através da tela da TV. Mas ele queria saber mais, ler, aprender, descobrir coisas novas. Estava farto dos seus desgastantes estratégias de camuflagem. Depois de algum tempo, começou a sofrer graves crises de dor de cabeça e câibras de estômago, e suas mãos começaram a ficar insensíveis.

Os exames não revelavam qualquer anomalia, e o médico perguntou a Murry se alguma coisa o estava preocupando. Deveria finalmente abrir-se? Murry decidiu arriscar. «Eu não sei ler nem escrever», disse ele.

Quando Murry finalmente achou coragem para levantar os olhos, deu com o médico passando uma receita. «Isto vai lhe acalmar os nervos», disse o médico. E Murry deixou o consultório convencido de que era uma aberração.

Vários anos mais tarde, as inquietações e preocupações de Murry transformaram-se outra vez em sintomas físicos. E novamente, depois de um exame, um médico perguntou: «Alguma coisa o está preocupando?» De novo ele juntou coragem para dizer: «Eu não sei ler nem escrever.» Contudo, desta vez, a resposta foi: «Já ouvi falar do seu problema. Conheço um médico que talvez possa ajudá-lo!»

Os artifícios e estratégias que o tinham aguentado até então foram

agora abandonados, e Murry flutuou numa onda de esperança. Havia outros como ele! Não estava sozinho, nem era uma aberração. Sua doença tinha até nome — dislexia.

Que significava? Amigos seus saíram pesquisando, e descobriram que a palavra era grega e significava «leitura deficiente». Murry pensou com os seus botões: «*Deficiente?*» «Leitura nenhuma» era a definição exata.

Em breve Murry descobriria que as definições de dislexia, bem como as teorias sobre sua causa e tratamento, eram quase tão numerosas quanto o número de suas vítimas. A desordem ocorre com uma frequência cinco ou seis vezes mais entre meninos que entre garotas. Algumas autoridades definem o problema como de «maturação lenta». Outros atribuem-no a fatores neurológicos; outros, a uma lesão ocorrida antes, durante ou logo em seguida ao parto; há quem acredite tratar-se de uma desordem bioquímica. Alguns acham que deve haver algum componente genético na sua origem.

De qualquer modo, Murry descobriu suas incapacidades espelhadas nas definições que diziam que as crianças com dislexia frequentemente têm uma dificuldade peculiar em aprender o significado dos símbolos verbais. Às vezes, não conseguem perceber as diferenças visuais entre várias palavras ou letras; outras vezes, não conseguem distinguir as diferenças dos sons. Algumas destas crianças podem ser ensinadas, através de técnicas especiais, qual é a sua

mão esquerda e qual a direita, mas, em geral, não conseguem traduzir este conhecimento em ação. Se lhes disserem «escreva seu nome no alto, no canto direito», ficam confusas. Entretanto, disléxicos com diagnóstico precoce e adequadamente auxiliados muitas vezes aprendem a ler corretamente. Às vezes, mesmo sem instrução especial, disléxicos têm melhorado com o passar do tempo. Por exemplo, Hans Christian Andersen — o grande contista — só muito tarde aprendeu a ler e a fazer contas e nunca chegou a aprender a soletrar.

**Entusiasmo.** Cheio de esperança, Murry submeteu-se a uma bateria de testes e começou a trabalhar com uma série de especialistas. Finalmente, conseguiu aplicar lógica a algumas palavras lógicas. Um instrutor ajudou-o a aprender sons de letras em vez de nomes. Recebeu treinamento auditivo para descobrir que as palavras eram constituídas de sons isolados reunidos numa só unidade e traçava letras na palma da mão à medida que as pronunciava. Começou a ser capaz de reconhecer algumas combinações. Para seu desânimo, talvez devido à idade ou à extensão do seu problema, parecia ser incapaz de aprender a ler corretamente. Mas agora já conseguia reconhecer certos símbolos, que o ajudavam a orientar-se.

Os amigos convenceram Murry a, enquanto trabalhava para manter-se, frequentar como ouvinte um curso universitário especial. Liam os deveres para ele, preparavam-no

para os testes e incutiam-lhe fé na sua capacidade. Ao fim de quatro semanas de aulas, Murry contou à sua instrutora de Psicologia o seu problema de leitura. Seria que ela o deixaria prestar exames oralmente? Ela concordou e sugeriu que ele se inscrevesse como aluno da cadeira. Murry inscreveu-se e alcançou um *A*, o primeiro da sua carreira estudantil, cheia de boletins marcados de «Insuficiente».

Agora Murry estava entusiasmado a sério. Percebia que suas limitações diziam respeito apenas a métodos, e não à capacidade de aprender. Depois de dois semestres no curso, candidatou-se a uma universidade — sem possuir diploma secundário e incapaz de ler uma linha. E foi admitido.

Murry estava agora pronto para escolher uma vocação. Gostava de Psicologia e sentia-se ligado à Arte; assim, decidiu estudar terapia pela arte. Até ao momento, ele obteve 94 horas de créditos para a obtenção do diploma, inclusive cursos de Sociologia, Psicologia, História e Arte. As horas necessárias para absorver os conhecimentos de que precisa não podem ser calculadas. Cada minuto extra de vigília é dedicado a ouvir o paciente gravador que introduz informações na sua mente ávida. Apesar de tudo, ele tem

mantido um brilhante nível escolar.

Que futuro aguarda Murry? Como o seu sonho é tão grande e tem custado tanto a alcançar, ele tem receio até de dizer que conseguirá se formar. Limita-se a viver um semestre de cada vez, trabalhando no sentido do seu objetivo final. Casamento? Quem sabe? Neste momento, sua bolsa de estudos e os trabalhos ocasionais de meio expediente mal dão para o seu sustento. Além disso, os estudos fazem-no despender tanta energia que ele acha que não lhe sobra conteúdo emocional para um verdadeiro casamento.

Mas Murry, aberto para a vida, continua a aprender. Ele é um poço no qual as águas vivas da experiência e do conhecimento continuam a cair.

A história de Murry é uma história de sucesso individual. Mas deve ser algo mais que isso. O brilhante Murry, que demonstrou a determinação e capacidade de aprender sem ler, pode ser um símbolo e um porta-voz. Sua vitória poderá dar esperança às pessoas que sofrem há anos de deficiências de aprendizagem. Além disso, poderá tornar outras pessoas conscientes das necessidades de muitas crianças, «principiantes» na batalha contra as deficiências de aprendizagem.



«Querida», pergunta o marido americano à mulher, «como se pronuncia aquela coisa italiana de que eu gosto tanto?»

«Claudia Cardinale», responde a mulher com um olhar géldo.